

CALAMIDADE NO RS

Canoas

Mathias Velho completa três semanas inundado

Leandro Domingos

leandro.domingos@gruposinos.com.br

Com olhar compassivo, Odair Castro Júnior, 43 anos, arrasta uma pequena embarcação. No barco, estão eletrodomésticos que acredita terem “salvação”. A chuva forte, no entanto, acabava molhando mais os aparelhos.

“Eu não sei quando é que vai ser possível entrar na casa de novo”, suspira o metalúrgico. “O negócio é entrar em casa só para tirar o que a gente acha que vai dar para aproveitar”, acrescenta.

Canoas acaba de completar três semanas da inundação que atingiu a cidade e, embora o movimento seja de retorno de pessoas para casa após o recuo da água, há áreas que permanecem inundadas.

Bairro mais populoso de Canoas, o Mathias Velho segue com uma situação crítica, já que desnível do bairro faz com que a água se concentre em muitos pontos considerados como “panelões”, onde a água não baixa.

Na área central, nas imediações da Estação Mathias Velho, a água mostra um lento recuo para angústia de moradores, comerciantes e lojistas que seguem acompanhando o drama à distância.

O aposentado Tadeu Moreira, 69 anos, cumpre uma rotina diária para tentar entrar em casa. Morador da Rua Rio de Janeiro há quatro décadas, disse ter conseguido escapar somente com a roupa do corpo e o carro.

“É uma angústia diária”, desabafa. “Eu pego o carro e venho todos os dias para ver se consigo chegar em casa, mas nunca dá. Será que não poderia ter um barquinho da Defesa Civil para ajudar a gente a se aproximar mais de casa?”, argumenta.

Também longe de casa desde o início do mês, Gabriel Santana, 48 anos, diz ser lamentável que os moradores do bairro não observam qualquer movimento das bombas de sucção necessárias para escoar a



Situação no Mathias Velho permanece preocupante devido à inundação que perdura



Moradores tentam recuperar equipamentos eletrônicos



Fábio Paim (E) acredita ter perdido a marcenaria

água.

“A água está descendo, mas lentamente, porque parece que a Prefeitura de Canoas só está preocupada com o bairro Rio Branco”, reclama. “Todas as bombas acabam lá e o tempo vai passando e o Mathias Velho continua debaixo d’água.”

Destruição

Proprietário de uma marcenaria, Fábio Paim, 40

anos, conseguiu retornar ao negócio nesta quinta-feira (23), quando deu início ao trabalho de descarte e limpeza no negócio que mantém no bairro há quase uma década.

“Tentei salvar as máquinas da água, mas não sei se vai dar para arrumar, porque o problema é a lama acumulada nas engrenagens”, explica. “Acredito que o prejuízo é total”, relata.

FOTOS PAULO PIRES/GES



Michele abordou os técnicos da Rio Grande Energia

Falta de luz segue um problema para quem retorna para casa

A situação para os moradores que estão voltando para casa em áreas onde a água baixou tem o impacto da falta de energia elétrica. Isso porque é grande o número de pontos onde o serviço ainda não foi restabelecido por falta de segurança.

Conforme a Rio Grande Energia (RGE), 89,5 mil clientes da concessionária (2,9% do total) continuam sem energia. A empresa aponta que a maioria dos pontos afetados estão em áreas inundadas ou em locais com impedimento de acesso das equipes.

No bairro Fátima, quem retornou nesta semana após a água baixar segue à luz de velas. O problema seria que há alimentadores da concessionária que

seguem ainda na parte inundada do bairro.

“A gente não tem água e também não tem luz”, reclama a vendedora autônoma Valéria Carvalho. “Voltei para o meu apartamento, mas não dá para se sentir em casa ainda, porque continuo sem água e luz”, diz.

No bairro Mathias Velho, existe também a preocupação a respeito da lama acumulada em tomadas e até mesmo na caixa de medição. Michele Monteiro diz ter medo ligar o disjuntor.

“Não tenho coragem de ligar o disjuntor, porque está cheio de lama no relógio”, explica. “Se der um curto-circuito, piora a minha situação”, comenta.



Necessidade das bombas, diz bombeiro

Fazendo parte de um grupo de bombeiros catarinense oriundo de Joinville, o bombeiro Késio Michel auxilia há semanas nos resgates em Canoas, onde acompanha de perto o drama vivido pela população.

Ele explicou que o recuo das águas do Rio dos Sinos é lento, porque a própria natureza não vai conseguir remover as águas tão cedo em meio ao clima instável do Rio Grande do Sul.

“Enquanto não trouxerem as bombas, o Mathias Velho vai continuar debaixo d’água”, destaca. “Um dia faz um solão e, no outro, volta o frio e a chuva. Se não for com máquinas, essa água vai demorar muito a sumir.”

Ainda segundo o bombeiro, prejudica o próprio desnivelamento do terreno, que alterna áreas altas com outras extremamente baixas.



Leia mais notícias sobre a tragédia na cidade em abcmas/canoas

Técnico monitorando

Conforme um técnico abordado pela reportagem, a maioria do bairro Mathias Velho permanece sem luz por não haver condições de segurança para que o sistema seja restabelecido devido à área inundada.

Já o bairro Fátima está tendo a força restabelecida, em grande parte, porque a água baixou, permitindo que os

técnicos cheguem até o local para ligar as redes.

O profissional, que ponderou não ter autorização de falar pela empresa, disse que os técnicos percorrem as vias diariamente em busca de soluções que possam restabelecer a energia o mais rápido possível.

“O acesso em áreas inundadas é bastante complicado”, lamenta.

Prefeitura de Canoas está abrindo acesso

Por meio de assessoria de comunicação, a Prefeitura de Canoas informa que começou, na quarta-feira (22), a construção da estrada de serviço necessária para que as equipes da Secretaria Municipal de Obras (SMO) possam acessar o ponto rompido do dique do Mathias Velho e efetuar os trabalhos de instalação de bombas. Ainda segundo a administração, a via começa junto à BR-448, próximo à empresa Bianchini, e se estende até a Rua Martin Luther King, onde o dique teve uma ruptura de 50 metros de largura. Só foi possível iniciar a construção da estrada de serviço após o nível dos rios baixar o suficiente para que a obra pudesse ser iniciada o mais rápido possível.